

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS POLÍTICAS E JURÍDICAS – CCJP
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

LAÍS DE VASCONCELLOS CORRÊA

**ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS: REPRESENTAÇÕES DE USUÁRIOS DE
DROGAS EM SÉRIES DE TEMÁTICA ADOLESCENTE**

**RIO DE JANEIRO
2021**

LAÍS DE VASCONCELLOS CORRÊA

**ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS: REPRESENTAÇÕES DE USUÁRIOS DE
DROGAS EM SÉRIES DE TEMÁTICA ADOLESCENTE**

Monografia apresentada à Escola de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), para a obtenção do grau de Bacharel em Administração Pública.

Orientação: Prof.^a. Marina Dias de Faria

RIO DE JANEIRO

2021

**ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS: REPRESENTAÇÕES DE USUÁRIOS DE
DROGAS EM SÉRIES DE TEMÁTICA ADOLESCENTE**

Monografia apresentada à Escola de
Administração Pública da Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como
pré-requisito para a obtenção do grau de
Bacharel em Administração Pública.

Banca Examinadora:

Prof.^a Marina Dias de Faria (orientadora)

Prof. Julio César Silva Macedo (membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. José Geraldo Pereira Barbosa (membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar até aqui! Tenho certeza que nada disso seria possível sem a ajuda de pessoas especiais, que em todo o caminho me deram a energia para continuar, que me ensinaram sobre resiliência e acreditam no meu potencial.

Agradeço primeiramente aos meus pais, por toda a dedicação despendida na minha criação, educação e formação moral, e agora, profissional. Agradeço a eles também por todo o carinho, pela convivência, pelas conversas e por, independente da situação, confiarem e acreditarem em mim. Muito obrigada!

Aos meus irmãos, avós, tios, primos, sobrinhas e cunhadas por formarem a melhor família que eu poderia sequer imaginar ter e por sempre tornar a minha vida mais feliz.

À Prof. Marina Dias de Faria, pela oportunidade de ser orientada por alguém tão brilhante e solícito, por desde o início acreditar na minha pesquisa, mesmo quando nem eu mesma acreditava. Por ser um exemplo de professora, de comprometimento, disciplina e dedicação ao longo de toda a minha graduação.

À todos os professores da UNIRIO e dos colégios que frequentei, por dividirem comigo uma parte de seu conhecimento e experiências. Tenho muito orgulho em dizer que fui aluna de cada um de vocês. Viva os professores e a educação!

Aos meus queridos amigos: os “xesos” Isadora Vasconcellos, a prima mais irmã do mundo, que esteve comigo em todas as etapas da vida, crescendo e trilhando seu caminho ao meu lado; Francisco Azevedo, por todo companheirismo, carinho, compreensão e experiências que estamos vivendo juntos; E Marcelo Zíropoli, pela amizade e pelas conversas infindáveis. Às minhas melhores amigas, Isadora Marchioni e Mariana Gioia, pelo nosso trio de vínculo tão profundo e permanente, pela confiança e por todo o carinho ao longo desses anos. Não tenho nem palavras para agradecer o quanto vocês me ajudaram e me ouviram falar desse TCC que finalmente saiu!

Aos meus amigos e companheiros de graduação, esse caminho foi mais fácil ao lado de vocês.

Muito obrigada a todos que participaram desta jornada ao meu lado!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação de jovens usuários de drogas ilícitas em séries com foco em temáticas adolescentes. Utilizando-se do método da análise de textos culturais e análise de conteúdo combinadas, técnica baseada na observação de textos culturais e a partir da análise do pesquisador, são descritas e interpretadas as mensagens transmitidas implicitamente, gerando inferências para o contexto social do assunto trabalhado. Foram analisadas três séries que contém abordagens sobre consumo de drogas. A partir deste estudo, apurou-se que os estereótipos e estigmas são reforçados nas séries veiculadas nas plataformas de *streaming* e que a disseminação e perpetuação destes é perigosa, uma vez que o espectador passa a normalizar esse tipo de comunicação e reproduzi-la em seu cotidiano, criando um ciclo vicioso do estereótipo. Portanto, foram sugeridas algumas iniciativas com objetivo de gerar maior compreensão e preparo dos profissionais de saúde e da sociedade de forma geral e afastar qualquer julgamento moral do consumo de drogas ilícitas.

Palavras-chave: Estereótipos; Estigmas; Drogas Ilícitas; Textos culturais; Séries; Juventude.

ABSTRACT

This work aims to analyze the representation of young users of illicit drugs in series focusing on adolescent themes. Using the method of cultural texts analysis and content analysis combined, a technique based on the observation of cultural texts and from the analysis of the researcher, the messages transmitted implicitly are described and interpreted, generating inferences for the social context of the subject worked. Three series were analyzed that contain approaches on drug use. From this study, it was found that stereotypes and stigmas are reinforced in the series broadcast on streaming platforms and that their dissemination and perpetuation is dangerous, since the viewer starts to normalize this type of communication and reproduce it in their everyday life, creating a vicious cycle of stereotype. Therefore, some initiatives have been suggested in order to generate greater understanding and preparation of health professionals and society in general and to rule out any moral judgment regarding the consumption of illicit drugs.

Keywords: Stereotypes; Stigmas; Illegal drugs; Cultural texts; Series; Youth.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Seleção de Séries	23
Tabela 2: Aparições por personagem	25

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COVID-19	Novo Coronavírus
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EUA	Estados Unidos da América
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
INFOPEN	Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
JECRIM	Juizado Especial de Crimes
LNUD	Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas
LSD	Dietilamida do Ácido Lisérgico
NA	Narcóticos Anônimos
VOD	<i>“Video On Demand”</i> , termo em inglês para vídeo sob demanda

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. O Problema	10
1.2. Objetivos	11
1.3. Delimitação do Estudo	11
1.4. Relevância da Pesquisa	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1. A importância dos textos culturais na formação de estigmas e estereótipos	13
2.2. Juventude, dados quanto ao uso de drogas no Brasil e legislação do país	15
2.3. O comportamento do consumidor usuário de drogas: estigmas, representações e perspectivas.	19
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	21
3.1. Seleção dos Sujeitos	22
3.2. Coleta e Análise dos Dados	23
3.3. Limitações.....	25
4. ANÁLISE DE RESULTADOS.....	25
4.1. Controle Parental	26
4.2. Dificuldade de desenvolver relacionamentos e exclusão social ..	28
4.3. Estigma eterno e tratamentos	30
4.4. Ambiente Escolar	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
7. ANEXOS.....	41

1. INTRODUÇÃO

1.1. O problema

Segundo McCracken (2007, p. 101), “a cultura constitui o mundo, suprindo-o de significado”. Na atualidade, a mídia é o principal e de maior alcance veículo na propagação de ideias, crenças e atitudes, como uma base para a criação de identidade individual e de grupos, logo de “cultura” (RONZANI; FURTADO, 2010; BACCEGA, 2010).

As tecnologias romperam as fronteiras territoriais, logo, não há mais limitação no que diz respeito à criação e disseminação de cultura. Sendo assim, os conteúdos consumidos proporcionam uma integração global e a possibilidade de criação de grupos de cultura, mesmo sem haver proximidade geográfica (GOIDANICH, 2002).

A análise cultural através de produtos audiovisuais é defendida por Monteiro e Azambuja (2018), em seu estudo afirmam ser uma importante fonte de conhecimento sobre processos e dinâmicas políticas e culturais. A comunicação em massa também é responsável por disseminar e perpetuar diversos tipos de preconceitos, estereótipos e estigmas (FREIRE FILHO, 2004; SEITER, 1986).

Os textos culturais se tornaram ainda mais relevantes após o período de isolamento social devido à COVID-19. No caso das séries disponíveis em plataformas digitais de streaming, passaram a ser ainda mais assistidas no formato “*binge watching*”, termo em inglês utilizado para o hábito de assistir um único programa por horas seguidas (BEZERRA et al, 2020), que oferece ao espectador uma sensação de imersão na história. Muitas delas tratam o tema do consumo de drogas e algumas delas serão analisadas nesta pesquisa.

É importante discutir assuntos ligados a este grupo, pois usuários de drogas são vítimas da marginalização e discriminação por conta dos estereótipos aos quais são associados (FERREIRA, 2018) e as políticas públicas do Brasil quanto ao tratamento de dependentes químicos são controversas e trazem à tona diversas questões sobre direitos humanos e intenções de práticas higienistas (PEREIRA; FELIPPE, 2020).

Tendo em vista o que foi exposto acima, neste trabalho buscou-se responder a seguinte questão: Como são representados usuários de drogas ilícitas em séries com foco em temáticas adolescentes?

1.2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é analisar a representação de jovens usuários de drogas ilícitas em séries com foco em temáticas adolescentes. Além disso, objetivos intermediários foram traçados com o intuito de alcançar o objetivo principal da pesquisa (VERGARA, 2008). São eles: (1) Levantamento de quais as mais relevantes séries sobre adolescência em ambiente escolar que representem jovens usuários de drogas, através de formulário respondido por assinantes de canais de streaming; (2) Levantamento das principais leis e políticas públicas sobre drogas vigentes no Brasil e (3) Discutir estigmas e estereótipos na representação de usuários de drogas encontrados nas séries analisadas.

1.3. Delimitação do estudo

O presente estudo não tem intenção em propor medidas de regulação às mídias, uma vez que preza pela liberdade de expressão da arte. Em sua conclusão há sugestões para que haja um melhor sistema de assistência ao usuário de drogas, a partir de algumas mudanças nas leis e nos programas de combate às drogas no Brasil, além de sugerir medidas educacionais sobre o tema.

Este texto se aterá a entender como são representados usuários de drogas ilícitas, e não nas drogas de forma geral, como álcool e tabaco, uma vez que o assunto ainda é um tabu na sociedade (DA SILVA, 2020) e é preciso que haja discussão sobre o tema para que se possa gerar soluções para os problemas que o envolvem.

A pesquisa se restringe às séries consideradas relevantes pelo público, escolhidas a partir de um formulário circulado nas redes sociais, pela viabilidade de tempo. A pesquisa também será limitada a analisar personagens apresentados em séries disponíveis nas plataformas de streaming, pois elas estimulam o consumo em binge das tramas, que promove uma sensação de imersão na história (MASSAROLO; MESQUITA, 2016).

1.4. Relevância da pesquisa

Faria e Casotti (2014) defendem que textos culturais são importantes para entender cultura e consumo e que o método deve ser utilizado com mais frequência nas pesquisas brasileiras.

Os textos culturais são bens carregados de significados culturais que são transmitidos para os indivíduos que os consomem (MCCRACKEN, 2007). Logo, algumas práticas são normalizadas e/ou banalizadas, portanto reproduzidas (OLIVEIRA, 2013).

Massarolo e Mesquita (2016) alertaram sobre a necessidade de se compreender como os formatos de distribuição, principalmente, a versão vídeo sob demanda (VOD) impactam a recepção do conteúdo audiovisual, principalmente da ficção seriada, uma vez que elas promovem uma imersão na história, principalmente quando assistida no formato *binge watching*.

No que diz respeito ao consumo em *binge*, as plataformas digitais já investiam fortemente nas séries e no estímulo do consumo seriado (MASSAROLO; MESQUITA, 2016). E, com surgimento do novo coronavírus e o agravamento da pandemia da doença COVID-19, na qual a principal recomendação das autoridades de saúde do mundo foi o isolamento social, com o objetivo de conter a disseminação da doença, que ocasionou nas alterações nos modos de consumo de diversos setores (BEZERRA et al, 2020). A pandemia fortaleceu o mercado do *streaming*, conforme foi observado por Pessoto e Carvalho (2020), a frequência e a intensidade do consumo aumentaram exponencialmente no período. Portanto, estudar o conteúdo seriado que está sendo massivamente consumido, se tornou necessário.

A reprodução de estigmas sociais, principalmente nos meios de comunicação de massa, como as plataformas de *streaming* devem ser observadas, uma vez que podem causar graves consequências individuais para o estigmatizado e podem se tornar também uma barreira para o acesso e desenvolvimento do tratamento (RONZANI; FURTADO, 2010; XAVIER et al, 2018).

Por consequência, é necessário que os serviços de saúde se aprimorem, com o objetivo de atender as necessidades dos usuários de drogas (XAVIER et al,

2018). Ronzani e Furtado (2010) afirmam que além do acesso à saúde, muitos outros direitos dessas pessoas são privados, como o acesso à educação, empregos e moradia.

Além das questões individuais, Fiore (2012) acrescenta que o mercado de drogas ilícitas é um dos maiores mercados criminosos do mundo. Essa economia paralela não conta com um órgão regulador, que possa controlar e limitar questões como exploração de trabalho, envolvimento de menores, segurança do trabalho, corrupção ou o uso da violência armada.

Portanto, é igualmente um problema social, quanto individual, visto que as drogas refletem na saúde e na segurança pública.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A importância dos textos culturais na formação de estigmas e estereótipos

As tecnologias e redes sociais tornaram a integração cultural e social mais fácil e aproximada, ou seja, não é necessário estar no mesmo local geograficamente para fazer parte de um mesmo grupo cultural, este fenômeno se dá pela constante e massiva exposição às mídias estrangeiras. Sendo assim, os recursos midiáticos tomaram grande importância como parâmetro comportamental e na formação de identidades dos indivíduos (CARVALHO JÚNIOR, 2016).

De acordo com Goidanich (2002), o processo de mudanças individuais é acelerado pelas tecnologias, como televisão por assinatura e internet e reforça também a importância para a sociedade de perceber as mudanças na mídia e, por consequência, na juventude, causada por esse desenvolvimento tecnológico. A autora afirma que

“(...) pertencer representa muito mais do que uma característica familiar ou territorial, passando a ser múltiplo e transnacional, representado pelos bens que consumimos, por nossas preferências e nossos estilos de vida”. (GOIDANICH, 2002, p. 74)

Já Temer (2014) apud Carvalho Júnior (2016) sustenta que assistir à televisão

é como ser seduzido por imagens com forte apelo estético intencional e não enxergar os recortes enviesados e a realidade por trás do que está sendo exibido.

Temer e Tondato (2009, p.85) reforçam esta visão em seu estudo quando afirmam que “consumo é estético: o que move o desejo de consumir é a emoção ou a sensação vinculada à representação estética do produto – a logomarca, as cores, a imagem”.

Kozinets (2001) sugere que houve um crescimento na função do entretenimento e da fantasia na cultura contemporânea e, refletindo portanto, no comportamento do consumidor. O autor entende que a fantasia passa a ser percebida por seu público como uma realidade e a manifestação de uma ética universal.

A partir dos anos 60, as representações midiáticas das minorias sociais passaram a ser analisadas com olhares mais críticos pelos estudiosos, uma vez que nessa época surgiram diversos movimentos sociais que questionavam o processo de produção de identidade (FREIRE FILHO, 2004).

Conforme as tecnologias e mídias evoluíram, o mesmo aconteceu com o interesse da academia em estudar como as minorias são representadas pelos meios de comunicação (FREIRE FILHO, 2008).

Ainda que no Brasil por hora seja escasso o uso da ferramenta, a análise de textos culturais é uma metodologia científica rica em informações que auxiliam na compreensão de significados que envolvem cultura e consumo. Por esses motivos, Faria e Casotti (2014) defendem que textos culturais são fontes de dados e que deveriam ser utilizados em estudos científicos ao redor do mundo.

Em sua pesquisa, Faria e Casotti (2014) concluem que textos culturais são capazes de reforçar a invisibilidade e os estereótipos de um grupo, e acusam esses textos de não representá-los como pessoas que não são definidas apenas por aquilo que os torna um grupo socialmente excluído.

Monteiro e Azambuja (2018) reiteram que a análise cultural contribui para as áreas do conhecimento, pois fornece informações para a compreensão dos processos e demais dinâmicas político-culturais que envolvem os produtos audiovisuais. Além de fornecer autonomia e poder aos indivíduos sobre a produção cultural conforme Kellner (2001) descreve em seu livro. O autor também destaca como os meios de comunicação, como rádio, televisão, cinemas, entre outros passaram a ser atividades cotidianas na sociedade.

Esses conteúdos, produzidos pelos poderes dominantes - detentores de poder social-, são absorvidos a todo momento, tornando-os referências culturais no inconsciente individual (KELLNER, 2001).

Segundo Seiter (1986), estereótipos estão diretamente ligados à comunicação de massa que é responsável por criar generalizações que são perpetuadas no dia-a-dia. A autora afirma que por meio deles é possível explicar as diversas formas de preconceitos como racismo, sexismo, classismo, etc.

Freire Filho (2004) descreve os estereótipos como “a veiculação maciça de representações desfavoráveis e danosas das minorias”.

Associações de comportamentos e agrupamentos de indivíduos acontecem a todo momento na sociedade. Pessoas são colocadas em categorias e carregam com elas algumas características que são consideradas inatas à esse grupo, os estigmas. São considerados estigmas de atributos depreciativos pré-concebidos, que a partir deles são realizados os mais diversos tipos de discriminações e inferiorização da vida daqueles indivíduos, que muitas vezes são tratados como animais ou seres menos humano, como se um único atributo os fizesse inferiores aos demais (GOFFMAN, 1982).

Baccega (2010) declara em seu texto como a mídia se tornou um dos mais importantes parâmetros para a formação dos sujeitos consumidores. Além disso, afirma que é necessário que esses indivíduos sejam educados, principalmente no ambiente escolar e familiar para estar preparado para consumir esses textos com mais conhecimento e capacidade crítica.

2.2. Juventude, dados quanto ao uso de drogas no Brasil e legislação do país

Procópio e Vaz (1997) afirmam que o Brasil é uma rota que viabiliza e facilita o tráfico internacional, diante deste trânsito em seu território, o país se tornou um grande produtor e mercado consumidor de drogas ilícitas. Segundo Silva (2012), este fenômeno deveu-se à falta de preparo dos órgãos públicos em conter este tráfico quando se iniciou, no início dos anos 70.

Para Santos e Paula (2019), a Guerra às Drogas é um projeto que não há indicadores demonstrando que os resultados esperados estejam sendo alcançados.

Uma vez que investimentos feitos aumentam progressivamente, assim como os números de apreensões e prisões. O resultado disso é uma inchada população carcerária, que de acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) de junho de 2017, divulgado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, o Brasil tem cerca de 726 mil pessoas privadas de sua liberdade, sendo que Sistema Penitenciário e as Secretarias de Segurança e Carceragens tem apenas 423 mil vagas. Ou seja, a taxa de ocupação prisional é de 171,62%.

Boiteux (2015) reitera afirmando que o sistema proibicionista não leva à diminuição da produção ou da demanda e consumo destes narcóticos.

De acordo com Beato Filho (1999), uma política pública eficaz no controle às drogas deve combinar tanto programas de controle à oferta quanto o apoio aos consumidores. Como nos EUA que, devido às políticas públicas antidrogas implementadas pelo governo, houve uma diminuição no número de usuários de cocaína. Dentre as medidas estão controle de fronteiras e de países produtores, atuação do Serviço de Imigração, mas, principalmente, pela repressão doméstica, que consiste na apreensão e confisco de drogas por agentes, sejam eles federais, estaduais ou locais. Além disso, parte do orçamento é investido em controle do consumo em si, através de tratamento para os usuários.

Devido à alta desigualdade social, esta atividade tende a levar as pessoas mais pobres ao sistema prisional, ocasionando o encarceramento em massa das classes sociais mais baixas da população. A “Guerra às Drogas” passa a ser uma “Guerra aos Pobres” (SANTOS; PAULA, 2019).

Divulgado em 2018, o 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira é o mais completo levantamento sobre drogas já realizado em território nacional. A pesquisa é a única do país a abranger todo o território nacional, inclusive pequenos municípios e zonas de fronteira.

O levantamento, coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), foi executado entre maio de outubro de 2015 e foram entrevistados cerca de 17 mil pessoas com idades entre 12 e 65 anos, objetivando estimar e avaliar os parâmetros epidemiológicos do uso de drogas. No entanto, existe um grau de confiabilidade

baixo para drogas ilícitas, exceto pela maconha, uma vez que seus usuários não têm medo dos estigmas e preconceitos muito observados nas demais substâncias.

Os últimos estudos confirmam que há uma diminuição no uso de cigarro industrializado, ao mesmo tempo, registra o aumento do uso de similares derivados do tabaco, especialmente entre jovens e adolescentes (BRASIL, 2019).

Segundo o III LNUD, “menores de 18 anos” foi o grupo que considerou mais fácil obter cocaína, crack, anabolizantes, estimulantes anfetamínicos, medicamentos tarja preta e solventes, quando comparados a maiores de 18 anos.

Na Lei 13.106, de 17 de março de 2015, o Estatuto da Criança e do Adolescente, estipula que é um crime vender, fornecer, servir, ministrar ou entregar bebida alcoólica a criança ou a adolescente (BRASIL, 2015). Apesar deste artifício, aproximadamente sete milhões, cerca de 34,3% dos indivíduos menores de 18 anos, disseram ter consumido álcool na vida, e 22,2% consumiram nos últimos 12 meses. O consumo nos últimos 30 dias, foi reportado por 8,8% dos adolescentes de 12 a 17 anos, e 5,0%, composto por um milhão de adolescentes, reportou o consumo frequente e em grandes quantidades - em binge (BASTOS, 2017).

Outra legislação proibitiva, dessa vez ao consumo e fornecimento de fumos é a Lei nº 10.702, de 14 de julho de 2003, esta também dispõe sobre a publicidade atentando aos malefícios das substâncias (BRASIL, 2003). No entanto, o levantamento nacional revelou que cerca de 1,3 milhões de adolescentes de 12 a 17 anos já consumiram cigarros industrializados na vida.

Já sobre o consumo de substâncias ilícitas se concentrou nas faixas etárias intermediárias, especialmente entre os adultos mais jovens (25-34 anos), com valores igualmente mais elevados, embora não tão pronunciados na faixa entre 18-24 anos. O estudo atenta que os com padrões de consumo de substâncias ilícitas entre os menores de 18 anos foi bastante baixo, além do esperado (BASTOS, 2017).

De acordo com Bucci (2002), políticas públicas são conjunto de ações governamentais, que visam coordenar recursos do Estado e de atividades privadas, para realizar objetivos de relevância social e politicamente determinados.

A nova Política Nacional de Drogas, assinada através do Decreto nº. 9.761/2019, reconhece que o problema afeta a juventude e visa garantir tratamento,

assistência e cuidado para usuários de narcóticos (BRASIL, 2019). Contudo, esta prevê como foco para o tratamento a abstinência, em vez de redução de danos.

Segundo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) disposto na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, deve ser assegurado o direito de proteção, zelo e acesso à informação, inclusive nos meios de comunicação, visando promover seu bem estar e saúde física e mental. Este protege de materiais que possam ser prejudiciais, inclusive sobre drogas lícitas e ilícitas.

Na Lei nº 10.702, de 14 de julho de 2003, são registradas os tipos de publicidades negativas que devem ser utilizadas sobre substâncias, com o objetivo de desestimular seu consumo (BRASIL, 2003).

Em contrapartida, vigora também a Lei nº 11.343 de 2006, que diminui as penas para usuários, extinguindo punições de prisão (BRASIL, 2006).

Porém, Campos (2015) aponta duas questões quanto a este dispositivo legal. Primeiro, o usuário ainda é criminalizado, uma vez que flagrado com quantidade para consumo próprio ainda deve ser conduzido à uma delegacia de polícia, assinar um documento chamado Termo Circunstanciado, prestar seu depoimento e comparecer a uma audiência no JECRIM (Juizado Especial de Crimes) e está sujeito a receber punições como multas, advertência verbal, medida educativa ou serviço à comunidade. E, sua segunda crítica é ao aumento e endurecimento das penas para aqueles que comercializam drogas, causando uma maior população encarcerada no país.

Além disso, foi mostrado em pesquisas que a Lei nº 11.343 de 2006, na prática, por não definir uma quantidade limite para considerar consumidor ou traficante, tende a levar jovens pobres, réus primários e que foram flagrados com pequenas quantidades de entorpecentes ao encarceramento. Estes, normalmente, não têm o direito de responder em liberdade e são em sua maioria condenados (FIORE, 2012).

Em 5 de junho de 2019, foi aprovada a Lei nº 13.840, que altera partes a Lei nº 11.343 de 2006 e outros dispositivos legais com o objetivo de “dispor sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas e as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e para tratar do financiamento das políticas sobre drogas” (BRASIL, 2019).

Entretanto, para Pereira e Felipe (2020), é uma lei controversa, que divide opiniões dos estudiosos, principalmente no que diz respeito à internação involuntária dos usuários de drogas. Muitos defendem que a flexibilização de quem pode solicitar a internação seria uma violação dos direitos humanos e uma prática higienista do governo. Ainda sobre Pereira e Felipe (2020) também é questionada a entrada das Comunidades Terapêuticas como entidades de atenção e tratamento, uma vez que descentraliza a responsabilidade para com esses indivíduos da saúde pública, destina recursos públicos para entidades religiosas e, de certa forma, pode ser entendido como uma imposição religiosa aos dependentes químicos.

Segundo Santos e Paula (2019), a proibição do consumo causa efeitos mais devastadores do que as reações imediatas do consumo. O país que apresenta histórico dos maiores índices de consumo dessas substâncias psicotrópicas são os EUA, sejam elas lícitas ou ilícitas. Na concepção dos autores, o Brasil apresenta índices relativamente baixos, além de ter como droga ilícita mais consumida a maconha, classificada como pouco danosa à saúde.

Para Abramovay e Castro (2005), “proibir incentiva a curiosidade e o impulso à transgressão, no caso, ao consumo. Ao impor limites, incorre-se num estímulo indireto ao consumo. Tais limites induzem os jovens a desafiá-los”.

Para Karam (2000), a criminalização dificulta acesso para fins de pesquisa, uso medicinal e priva os potenciais usuários do acesso a informações sobre o que está sendo consumido. Esse cenário estimula o consumo sem os devidos cuidados e práticas de higiene que tornam mais rápida a propagação de doenças contagiosas, sendo assim um desserviço à saúde pública do país.

2.3. O comportamento do consumidor usuário de drogas: estigmas, representações e perspectivas

Estigma pode ser definido como um traço do indivíduo que se destaca entre os demais e que anula, na visão de outras pessoas, suas demais características e comportamentos. Esses estigmas podem ser associados à seus atributos físicos, culturais ou, como no caso do uso de substâncias psicoativas, individuais (GOFFMAN, 1982).

Para o professor português Boaventura de Souza Santos,

“...temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (SANTOS, 2006, p.316).

O consumo de drogas tende a ser relacionado à criminalidade e à necessidade de tratamentos, sendo que estas associações reforçam estereótipos, preconceitos, estigmas e causam uma marginalização e discriminação dos indivíduos (FERREIRA, 2018). Esta forma de lidar com o problema, pode acarretar em um enfraquecimento das atividades preventivas ao mesmo passo que estimula a uma abordagem de forma violenta e coercitiva (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005).

O racismo também faz parte do estigma do usuário de narcóticos. Antes mesmo da Guerra às Drogas iniciada nos EUA, em 1969, o uso de cocaína e maconha eram recorrentes na população negra do sul do país. E, no Brasil, a cannabis era difundida entre os escravos africanos (SILVA, 2012). Por muitos anos, as substâncias sintéticas, como o LSD, não eram nem sequer mencionadas pelos governantes, já que seu uso não era majoritariamente feito por um grupo social marginalizado (negros, imigrantes, etc.).

Em uma análise de discursos da mídia impressa quanto aos usuários de crack, Zanotto e Assis (2017), identificaram como as reportagens reafirmam o processo de exclusão de grupos vulneráveis, com discursos capacitistas, racistas, heteronormativos e elitistas, utilizando-se de termos como “negros”, “sacizeiros” para descrever aqueles que fazem uso da substância.

A Fundação Perseu Abramo (2009) *apud* Campos (2015) concluiu, em pesquisas, que os usuários de drogas é um dos grupos sociais que causa e sofre maior repulsa social no Brasil. Atingindo percentuais alarmantes, dos entrevistados 17% respondeu ter sentimentos de repulsa à usuários de drogas, 24% antipatia e 37% indiferença.

Apesar dos homens serem maioria da população usuária de drogas, as mulheres são as que mais sofrem com a exclusão social. Se tornando mais suscetíveis a problemas de saúde e de violências sexuais. (SILVA; PEREIRA; PENNA, 2018)

Medeiros (2018) elucidou que, para as mulheres, o estigma é ainda mais reforçado. Uma vez que há um determinado comportamento considerado apropriado para as mulheres, sendo eles os estereótipos de feminilidade, meiguice e afabilidade. E, quando “transgridem” às essas regras sociais, são imediatamente vistas como um perigo à sociedade, insanas, difíceis de criar relações e, portanto, marginalizadas.

Segundo Ronzani e Furtado (2010), estigmatizar e a culpabilizar o usuário de drogas prejudica a qualidade do tratamento a ele oferecido, principalmente se reproduzidos pelos profissionais da saúde envolvidos no processo.

Silva, Pereira e Penna (2018) ainda alertam sobre como os profissionais da saúde não são instruídos sobre as questões de gênero e que são reprodutores de visões normativas. Mas, com a devida educação, é possível oferecer um maior cuidado baseado na trajetória individual de cada mulher. Como, por exemplo, a questão da maternidade é muito abordada nos tratamentos, pois a maternidade é basicamente imposta às mulheres. E quando se trata de usuárias de drogas, a palavra “abandono” é recorrente nas pesquisas de opinião.

Abramovay e Castro (2005) afirmam que nem todos os jovens usuários devem ser tratados como doentes que necessitam de tratamento, uma vez que a maior parte dos jovens que afirmam que seu uso é “passageiro e ocasional”, além de ser ocasionado por diversos motivos, dentre eles diversão, modismo. Portanto, não devem carregar esses estigmas durante toda sua vida.

Em sua pesquisa, Ranali Neto (2019) constatou que o estigma social quando internalizado pelo consumidor de drogas causa diversos efeitos negativos. Ou seja, a partir de diversas reproduções discriminatórias e estereotipadas por parte de outras pessoas, os usuários de substâncias psicoativas aceitam e acreditam serem dignos dos aspectos do estigma e, por isso, seus processos de tratamento e reinserção são dificultados.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Segundo Portes e Gonçalves (2008), todos os indivíduos estão suscetíveis às influências e efeitos dos meios de comunicação. Os jovens, por estarem em um processo de descobertas e formação de caráter, constroem suas representações no

convívio social, a partir dos modelos veiculados nas mídias, mesmo que muitas vezes as situações possam estar muito longe de sua realidade.

Os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, são grandes criadores e disseminadores de estereótipos. E através das análises de estereótipos é possível entender melhor o que está sendo divulgado pelas mídias (SEITER, 1986).

A indústria audiovisual sofreu uma grande transformação, a Netflix, com sua proposta inovadora, foi a principal responsável. Revolucionou os processos de produção, exibição e distribuição dos conteúdos e se transformou em uma grande concorrente para os canais de televisão tradicionais e obrigando diversos canais a investirem em suas próprias plataformas de vídeos *on demand* (HEREDIA RUIZ, 2017).

A metodologia que foi utilizada para execução deste trabalho é a Análise de textos culturais. Bauer e Gaskell (2002) defendem a inovação nos métodos de análises para cobrir todos os tipos de situações sociais.

“Textos culturais podem ser entendidos como representações da cultura e das concepções formadas e propagadas pelo meio social. Dessa forma, crenças e valores, codificados por meio de imagens ou narrativas, falam muito sobre a cultura de quem produz e consome esses textos. A cultura codificada nas cenas de um filme ou mesmo nas letras de uma canção, por trás de seu caráter de entretenimento, escondem características e particularidades que identificam grupos sociais” (HIRSCHMAN; STERN, 1994 *apud* RODRIGUES; CASOTTI, 2017).

Para Faria e Casotti (2014), apesar de textos culturais serem bastante explorados e utilizados como método em pesquisas internacionais sobre comportamento cultural e de consumo, o Brasil ainda carece de estudos que utilizem essas obras como base para o entendimento de comportamentos dentro de uma sociedade culturalmente criada e influenciada.

3.1. Seleção dos Sujeitos

Para determinar as séries a serem analisadas neste trabalho, foram testadas algumas maneiras de seleção. A primeira tentativa foi por escolher algumas séries dentre as categorias “*Teen*” e “*Em Alta*” na Netflix, mas além de serem categorias voláteis de acordo com os lançamentos da semana da plataforma, não havia

informações suficientes quanto à relevância para o público. Portanto esse método foi descartado.

O segundo formato a ser experimentado foi de acompanhamento do “*Top 10*” disponibilizado pela plataforma, por cerca de dois meses, mas este sofreu algumas instabilidades e, ficou indisponível por alguns dias, e também sofria com a volatilidade quanto aos lançamentos recentes.

Por esse motivo, tornou-se necessário entender quais séries seriam mais relevantes na perspectiva do público das plataformas de streaming, por meio de um questionário *online* divulgado nas redes sociais: grupos de *whatsapp* e *facebook*. O formulário pode ser encontrado no Anexo 1.

A partir das séries mais vistas pelos respondentes e que também foram consideradas relevantes para o público na representação de usuários de drogas dentro do universo de jovens em ambiente escolar/universitário, foram selecionadas as séries elencadas na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1 - Seleção de Séries

Série	Ano de Lançamento	Temporadas	Episódios	Plataforma
Sex Education	2019	2	16	Netflix
13 Reasons Why	2017	4	49	Netflix
Euphoria	2019	1	10	HBO GO

Fonte: Elaborada pela autora.

Considerados os lançamentos até a data do início da coleta de dados desta pesquisa, março de 2021.

3.2. Coleta e Análise dos Dados

As séries que compõem o material que foi analisado na presente pesquisa foram assistidas integralmente, com possibilidade de pausas, através das plataformas de *streaming* Netflix e/ou HBO GO. Algumas falas serão transcritas neste trabalho.

A metodologia escolhida para a análise das cenas deste trabalho foi a análise de conteúdo, que com base na revisão de literatura, como os jovens usuários de drogas são representados e se elas reforçam os estereótipos e estigmas, já discutidos na revisão de literatura, deste grupo.

A análise de conteúdo é uma técnica baseada na observação de textos culturais e a partir da observação do pesquisador, são descritas e interpretadas as mensagens transmitidas implicitamente, gerando inferências para o contexto social do assunto trabalhado. Busca-se compreender a mensagem que está por trás dos códigos do texto, seja ele qual for. (SILVA; FOSSÁ, 2015; MORAES, 1999)

E, além da análise de frases e trechos das produções, para auxílio na análise dos dados coletados, foi usada uma planilha no Excel detalhando as variáveis escolhidas e os resultados apresentados pelo conteúdo.

As variáveis observadas para o estudo foram:

- ❖ Quanto às séries de modo geral:
 - Quantidade de jovens usuários de drogas;
 - Quais drogas são abordadas;
 - Aborda lados positivos ou negativos da droga;
- ❖ Quanto às personagens:
 - idade;
 - gênero;
 - escolaridade;
 - constituição familiar;
 - interação com outras personagens;
 - relacionamentos afetivos;
 - uso recreativo ou vício;
 - se é buscado tratamento.

No entanto, foi escolhido manter uma grade mista de análise (VERGARA, 2005), para que no caso da autora sentir necessidade de expor algum outro tipo de informação à análise, é livre a possibilidade de adicionar outras variáveis, porém não foi necessário alterar a planilha.

3.3. Limitações

Importante ressaltar que existem limitações inerentes à escolha do método, como a necessidade de um recorte, ou seja, nem todas as séries que retratam jovens usuários de drogas serão analisadas durante este estudo, a subjetividade do sujeito, os pré-conceitos do autor também podem ser influenciados na análise e a limitada experiência com o método (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014).

A limitação de tempo também é um fator determinante para a escolha de poucas séries para agregar aos dados da pesquisa, pois cada uma exige uma carga horária elevada.

A pesquisa também tende a ser limitada pela rigidez do questionário utilizado na escolha da seleção dos sujeitos, que apesar de ter sido feito de forma simples e objetiva, pode influenciar a resposta daqueles que o responderam, além dos erros que podem ser cometidos no momento do preenchimento do formulário (ALYRIO, 2009).

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Foram elencadas algumas personagens na Tabela 2 abaixo, consideradas usuárias de drogas, por aparecer recorrentemente fazendo uso de substâncias ilícitas ou por passar por algum tipo de reabilitação ou overdose nas três séries analisadas nesta pesquisa.

Tabela 2 - Aparições por personagem

Personagem	Série	Número de episódios em que aparece	Número de episódios da série
Rue Bennet	Euphoria	10	10
Adam Groff	Sex Education	16	16
Erin Wiley	Sex Education	7	16
Sean Wiley	Sex Education	3	16
Justin Foley	13 Reasons Why	48	49
Amber Foley	13 Reasons Why	6	49

Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar desta seleção, há uma grande variedade de adolescentes consumindo drogas ilícitas ocasionalmente, principalmente em cenários de festas ou comemorações, em todos os textos culturais estudados. Conforme já foi citado no capítulo 2 deste trabalho, referente à revisão de literatura, estes jovens não devem ser referidos como doentes e não há necessidade de tratamento especializado, uma vez que seu uso é ocasional e passageiro, normalmente em momentos de diversão (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005). Esse tipo de propagação do uso ocasional pode indicar para aqueles que assistem às cenas, uma certa confiança de que a prática de consumo de drogas em momentos de diversão não possa causar complicação ou desenvolvimento de um vício.

4.1. Controle Parental

Foi observado durante a pesquisa sobre como o papel dos pais é extremamente importante para a representação dos jovens usuários de drogas.

A mãe de Justin Foley é viciada em drogas, seu histórico é de diversos relacionamentos amorosos conturbados durante a infância de seu filho e atualmente reside com o traficante de drogas, Seth. Justin acaba sendo expulso de casa pelo namorado da mãe e a mãe não reage ao acontecido, não o procura após seu filho sair de casa. Reforçando o estereótipo de que mulheres usuárias de drogas, são associadas ao abandono e à negligência, conforme foi percebido em pesquisas de opinião (SILVA, PEREIRA e PENNA, 2018).

Uma das protagonistas da série Sex Education é Maeve Wiley. Sua família é composta por seu irmão Sean, sua mãe Erin e sua meia-irmã Elsie. A mãe e o irmão estão envolvidos com drogas e não aparecem no início da trama, pois abandonaram a menina vivendo sozinha.

Sean retorna para casa no sexto episódio, mas logo vai embora novamente no oitavo e último episódio da primeira temporada. Durante sua participação é mostrado que se envolve com drogas e outras atividades ilegais, como por exemplo, ele vai ao baile do colégio, do qual foi expulso e sua irmã estuda, para vender drogas para menores de idade.

Já a mãe, Erin, retorna após sua recuperação do vício. Erin tem uma recaída que não é perdoada pela filha, que a reporta para o Serviço Social por uso de

substâncias ilícitas na presença de menores, que eventualmente se apresenta para buscar Elsie.

Importante ressaltar que quando o irmão é descoberto pelo crime no baile, Maeve o acoberta e leva a culpa por Sean. Em contrapartida, quando descobre a recaída da mãe, sua reação é denunciá-la para as autoridades, visando proteger sua irmã Elsie. Logo, esta trama reforça o estigma já discutido na revisão de literatura, as mulheres carregam um estigma ainda mais reforçado quando usuárias de drogas, vistas como um perigo para aqueles que estão à sua volta (MEDEIROS, 2018).

Após esse acontecimento, no último episódio da segunda temporada, Erin novamente deixa Maeve com a promessa de que nunca irá perdoá-la. A personagem Erin mais uma vez reforça o estereótipo da mãe usuária de drogas associada ao abandono e negligência citado por Silva, Pereira e Penna (2018).

Já Adam Groff, tem um pai exigente, o diretor da escola Sr. Groff, e que não aceita seu filho, por algumas vezes o jovem é restringido de suas liberdades, constantemente tentando fazê-lo “melhorar”. A mãe é submissa e quando o pai o força a ir para um colégio militar, pede para a mulher:

Adam: “Mãe, não me deixe ir. “

Maureen: “É o que o seu pai quer.”

Adam é o único personagem que aparece usando drogas ilícitas, a maconha, regularmente na série. Podemos então inferir que as séries analisadas reforçam a percepção de que a proibição e os limites fazem com que os jovens se sintam curiosos e tentados a desafiá-los (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005).

No primeiro episódio da série, Adam conhece Jean, mãe de Otis, protagonista da série, que é uma terapeuta sexual e tem uma postura de criação liberal e baseada no diálogo. A mulher o acompanha no uso da droga e inicia um diálogo sobre algumas questões científicas do consumo da maconha, que antes eram desconhecidas pelo jovem, alertando-o de uma possível consequência de seu fumo frequente.

Jean: "Há interessantes pesquisas sobre cannabis, estão começando a descobrir os benefícios dela" [...] "No entanto, foi ligada à impotência precoce. Nada conclusivo ainda. Mas você deve ser cuidadoso com a quantidade que fuma".

Esse tipo de desinformação que é abordada por Karam (2000) sobre a criminalização dificultar o acesso à informações sobre o que está sendo consumido.

A personagem Jean inclusive volta a falar sobre o assunto com o filho, mesmo que ele não demonstre interesse em qualquer tipo de substância. De forma casual, alerta Otis e seu melhor amigo no segundo episódio da trama:

Jean: "Se forem usar drogas hoje, lembrem-se de ficarem juntos e cuidarem um do outro".

Já em Euphoria, os pais de Rue, a protagonista, são retratados demonstrando carinho e preocupação, porém seu pai adoece e falece devido a um câncer antes do início da série. O primeiro contato da menina com drogas é ao experimentar escondido os fortes remédios que eram prescritos para o pai. Mais tarde o que era uma curiosidade se tornou um vício, pois utilizava como uma válvula de escape para mascarar seu luto. A mãe apesar de muito preocupada com sua dependência, precisa trabalhar extensas horas para sustentar a família, logo perde o controle do que está acontecendo dentro de casa. Este tipo de representação é recorrente e reforça a ideia de que o relacionamento entre pais reflete e filhos reflete no comportamento cotidiano do jovem. Variáveis como proximidade, abertura para diálogo, a presença ou ausência dos pais, nível de permissividade são os aspectos que baseiam a formação dos valores desses jovens e em como ele se inserirá no meio social (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005).

No episódio de número 7 da primeira temporada, conta a história de Cassie, colega de escola da Rue. Nele aparece seu pai, que saiu de casa e se envolveu com substâncias ilícitas e também não mantém contato com as filhas. Ele faz uma breve aparição em uma memória de Cassie, na qual ele reaparece durante a madrugada em sua casa, pede para a menina abrir a porta para ele, que se aproveita para roubar alguns pertences da família e novamente a abandona. Na cena é possível ver diversos machucados em seu braço, implicando o uso de drogas injetáveis. Mais uma vez ligando o usuário de drogas ao abandono dos filhos, mas neste caso, por um homem.

4.2. Dificuldade de desenvolver relacionamentos e exclusão social

Outro ponto bastante observado durante a pesquisa, é a representação da dificuldade dos usuários de substâncias psicoativas de criarem relacionamentos com outras pessoas.

Adam, por exemplo, é um bully na maior parte do tempo, por isso, não tem amigos. No último episódio da segunda temporada, ele se emociona e dá um forte abraço assim que Ola diz que o considera um amigo.

Além disso, o jovem inicia a série com uma namorada, Aimee, mas no primeiro episódio, ela termina com ele. A partir desse momento, o relacionamento dos dois se torna conturbado, uma vez que ele ainda gosta dela. Ao mesmo tempo, ele se envolve com Eric, em segredo, pois não quer que ninguém saiba de sua sexualidade. Por muitas vezes, Eric se sente mal por não poder ter um relacionamento com Adam.

É relatado também em *Sex Education* que a vida amorosa da mãe de Maeve, Erin, é conturbada, que costuma se relacionar com homens abusivos que segundo ela não entendem a sua situação de tratamento da doença.

No caso de Justin, de *13 Reasons Why*, seu relacionamento com Jessica, sua ex-namorada, é cheio de tensão e segredos. Ele inclusive permite que seu amigo Bryce abuse sexualmente de sua namorada enquanto ela está desacordada e não conta para ela o que aconteceu. Apesar de se gostarem, eles não conseguem ficar juntos. Inclusive, no oitavo episódio da quarta temporada, há um diálogo entre eles, quando Jessica o encontra usando heroína, em que ele fala:

Justin: "Eu nunca vou melhorar. É melhor ficar com ele do que sentar e esperar que eu tenha uma overdose."

No caso de Rue, a menina também tem poucos amigos, e quando conhece Jules deposita toda a responsabilidade de se manter sóbria no relacionamento das duas. Rue em alguns momentos compara Jules com Fentanil, opióide utilizado por ela. E quando Jules viaja para Los Angeles, mesmo depois de meses sóbria, Rue volta a usar drogas.

Jules releva no episódio especial, "*Fuck Anyone's Who Not a Sea Blob*", todas as suas inseguranças em seu relacionamento com Rue. Sente como se tivesse que carregar a responsabilidade da sobriedade da amiga sozinha.

A mãe aconselha Rue a ir com calma ao se envolver em um relacionamento com Jules, pois na sua visão, poderia atrapalhar de alguma forma a sua sobriedade.

Leslie: "Vai com calma. Você já superou tanta coisa! Você é frágil."

Todas as histórias acima exacerbam o estigma, exposto por Medeiros (2018), que é designado às pessoas, principalmente mulheres, que transgridem às regras

sociais, como os usuários de drogas, continuem sendo consideradas difíceis de criar relações com outros indivíduos, portanto, sendo marginalizadas.

Os textos culturais analisados são capazes de reforçar a invisibilidade e os estereótipos deste grupo (FARIA E CASOTTI, 2014) que já é um dos que mais sofre com a repulsa social no Brasil (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2009 apud Campos, 2015). O que os torna mais vulneráveis a problemas de saúde e outros tipos de violências (SILVA; PEREIRA; PENNA, 2018). Essa preocupação com a capacidade dos textos culturais de criarem e reforçarem estereótipos parece ser totalmente pertinente no que diz respeito aos usuários de drogas.

4.3. Estigma eterno e tratamentos

Em alguns episódios da série Sex Education, houve diálogos nos quais é possível perceber a reprodução do estigma de que o problema das drogas é eterno e inerente ao usuário. Estigma esse explicado por Goffman (1982) de que um traço do indivíduo que se destaca entre os demais e anula, na visão de outros, suas demais características e comportamentos, reduzindo-o àquele aspecto de sua vida.

No quinto episódio da segunda temporada, Isaac, vizinho de Maeve, que também tem pais usuários de drogas diz:

Isaac: "Uma vez um viciado, sempre um viciado"

Quando Erin retorna para morar com Maeve no primeiro episódio da segunda temporada, há uma conversa entre as duas na qual é possível perceber que mesmo buscando ajuda para se tratar, Erin não tem sucesso em cumprir todos os passos para se livrar do vício.

Erin: "Aposto que tomou um susto, não é? Por eu aparecer do nada. [...] Estou no passo nove do NA (Narcóticos Anônimos). Fazendo as pazes com..."

Maeve: "Quem prejudicou no passado. Eu sei, já passamos por isso, Erin."

[...]

Erin: "Dessa vez é diferente. Eu tenho um bom padrinho, estou sóbria há um ano. Estava esperando estar bem estável antes de voltar, e aqui estou"

No mesmo episódio, Maeve volta a afirmar para a mãe:

Maeve: “Suas promessas não significam nada, Erin”

Já em Euphoria, Rue nos primeiros minutos do primeiro episódio da série afirma que mesmo após ter passado parte de suas férias na reabilitação:

Rue: “Era final do verão, a semana antes da volta às aulas. Eu não tinha a menor intenção de ficar sóbria e Jules tinha acabado de se mudar.”

Também foi observado outro tipo de fala que descredibiliza esses indivíduos, como quando Rue escuta de seu amigo e traficante:

Fezco: “Você é uma viciada em drogas e eu não acredito em nada que um viciado em drogas fale. Vocês só querem causar.”

Esse tipo de fala descredibiliza e inferioriza o indivíduo. Assim como na fala da Advogada de Defesa da série 13 Reasons Why, que abordou o vício de Justin Foley enquanto ele estava dando seu testemunho no tribunal sobre o caso no qual a série gira em torno com a intenção de anular as informações dadas pelo jovem.

Advogada de Defesa: “Você é usuário habitual de heroína? Não é?”

Advogado de Acusação: “Objeção! Relevância?”

Advogada de Defesa: “Demonstra capacidade e confiabilidade, Vossa Excelência.”

Juíz: “Protesto negado.”

Advogada de Defesa: “Você é viciado em heroína, certo?”

Justin: “Eu não era na época. Estou em recuperação.”

Neste caso, novamente há uma clara forma de discriminação e dissipação do estereótipo da falta de confiabilidade de um usuário de psicoativos, que é reforçada por ser reproduzida por um tipo de autoridade no meio social, com uma advogada e um juiz. Conforme exposto por Ranali Neto (2019), o tratamento e a reinserção são prejudicados por reproduções discriminatórias e estereotipadas por parte de outras pessoas, uma vez que é internalizado pelos usuários que passam a aceitar e acreditar serem dignos dos aspectos do estigma.

4.4. Ambiente escolar

Foi possível perceber em todas as séries analisadas como as escolas de ensino médio são retratadas como um ambiente repleto de jovens com diversos traumas e inseguranças.

Muito do que é mostrado nas cenas que se passam em ambiente escolar é relacionado à bullying, agressões nos corredores e desinteresse nas aulas. Pouco é visto dos adolescentes estudando ou durante uma aula.

Por exemplo, no primeiro episódio de Sex Education, Adam vai até a casa de Otis, para fazer um trabalho em grupo, proposto pela professora. Chegando lá o jovem se mostra desinteressado em efetivamente executar o trabalho, tenta acender um cigarro de *cannabis*, mas é impedido pelo colega de classe, por isso, pede para ir ao banheiro, onde fuma escondido e quando sai se distrai com os objetos encontrados pela casa.

O menino recorrentemente tira notas baixas, sendo fortemente repreendido pelo pai, diretor do colégio onde estuda. Seu pai o transfere para uma escola militar para tentar ensinar disciplina e comprometimento para o filho. No entanto, mesmo com o avanço no comportamento de Adam, ele é vítima de uma armação, em que seus companheiros do colégio colocam drogas em seus pertences, causando a expulsão do menino.

Adam retorna para casa, mas não para a escola. Começa a trabalhar e no último episódio da série, ele demonstra interesse em voltar a estudar.

Adam: “Eu estive pensando em retornar à escola. Quero encontrar algo no qual eu sou bom. Não quero trabalhar na loja para sempre”

Em Euphoria, Rue não se interessa em momento algum pelas atividades escolares, eventualmente usa o dever de casa como desculpa para enganar sua mãe, que afirma saber que não é o que a jovem irá fazer. Apesar de algumas das cenas da série serem reproduzidas no ambiente escolar, o colégio e suas autoridades não têm muito envolvimento na trama.

Já em 13 Reasons Why, a escola é bastante relevante, uma vez que os pais da personagem principal, Hannah Baker, entram com um processo contra a instituição por negligência. A alegação é de que a cultura criada dentro do campus promove violência emocional, física e sexual, resultando no suicídio da filha. No entanto, a função educativa da escola não é explorada.

Justin, após ser expulso da casa da mãe, não aparece para as aulas por semanas seguidas, enquanto mora nas ruas e intensifica seu uso de drogas.

Sendo assim, é possível inferir que as séries analisadas reforçam o estereótipo de que usuários de drogas são pouco interessados em sua educação ou, como no caso de Adam, não são bons alunos. Abramovay e Castro (2005) afirmam que existe uma relação entre reprovações e uso de drogas, mas não é possível associar diretamente a reprovação ao uso de substâncias psicoativas, uma vez que o nível de reprovações no Brasil é alto e cerca de 41,1% dos alunos que nunca aprovaram são usuários frequentes de drogas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme relatado na análise de resultados, a partir desta pesquisa pode-se observar que, em sua maioria, são retratados usuários ocasionais de drogas ilícitas, principalmente em cenários de festas ou comemorações, e pontuais casos de adicção.

Os jovens que desenvolvem a dependência são retratados como indivíduos com dificuldades de criar relacionamentos com outras pessoas, seja de amizade ou relações românticas. Por não se acharem dignos de receber carinho e atenção, repelem aqueles que os querem bem. Foi observado também comportamentos de transferência da responsabilidade de sua sobriedade no outro, o que causa desgaste no relacionamento.

Além disso, foi percebido que os jovens usuários de drogas retratados reforçam o estereótipo de estudantes não aplicados, que não tem ou não cumprem com suas responsabilidades acadêmicas, mesmo estando em ambiente escolar. Quando retratados na escola, outros temas são abordados, como traumas, inseguranças e o relacionamento com outros estudantes.

Apesar do foco inicial desta pesquisa ter sido analisar os jovens nas produções, foi observado que o papel dos responsáveis, principalmente das mães, é extremamente importante para a representação dos jovens usuários de drogas. As mães que se envolvem com drogas são imediatamente associadas ao abandono e à negligência de seus filhos e suas responsabilidades.

De acordo com a revisão de literatura e análise de resultados desta pesquisa, foi possível concluir que os estereótipos e estigmas são reforçados nas séries

veiculadas nas plataformas de *streaming* e que a disseminação e perpetuação destes é perigosa, uma vez que o espectador passa a normalizar esse tipo de comunicação e reproduzi-la com as pessoas ao seu redor, criando um ciclo vicioso do estereótipo.

Para que haja um rompimento deste ciclo, são propostas pela autora algumas sugestões para os cidadãos, são elas:

1. Questionar o que está sendo comunicado em qualquer tipo de texto cultural;
2. Policiar-se quanto à disseminação de estereótipos, por meio de piadas ou comentários;
3. Manter-se a par de políticas públicas de saúde e educação voltadas para a questão do uso de drogas;
4. Cobrar de seus governantes propostas de resoluções para o tema;
5. Criar um bom canal de comunicação com os filhos para poder orientá-los da melhor forma sobre os possíveis perigos e consequências relacionados ao envolvimento com as substâncias;
6. Propor nas escolas de seus filhos que o assunto seja abordado, de forma cuidadosa e profissional, com as crianças com objetivo de orientá-las.

Esta pesquisa contribui para o conhecimento sobre a importância da utilização de textos culturais como fonte de dados para pesquisas sobre estereótipos e políticas públicas.

Com o objetivo de contribuir para o avanço das políticas públicas voltadas para a assistência de usuários de drogas, foram traçadas algumas sugestões. São elas:

1. Programas de capacitação de professores com objetivo de não moralizar a questão das drogas e orientação de jovens na fase de experimentação;
2. Inserir na grade curricular de cursos de graduação da área da saúde disciplinas específicas para lidar com usuários de drogas, tendo como em vista a formação e preparação de profissionais preparados para atender este grupo;
3. Inserir o assunto nas salas de aulas, com professores capacitados;

4. Criação de treinamentos específicos voltados para a orientação apropriada para profissionais da saúde, com objetivo de não moralizar a questão das drogas e ampliar a visão de ser um problema de saúde pública, apenas;
5. Criação de programas específicos para atender mulheres usuárias de drogas;
6. Em paralelo, criação programas de assistência aos filhos dessas mulheres;
7. Analisar as possibilidades estratégicas no mundo corporativo para inclusão de pessoas reabilitadas;
8. Incentivar estudiosos com pesquisas já publicadas ou em andamento a darem continuidade aos trabalhos na temática de drogas;
9. Estimular estudantes a realizarem pesquisas sobre o tema;
10. Reformulação de políticas de drogas no Brasil, alinhada aos Direitos Humanos, orientada pelos princípios da redução de danos;

Por fim, como recomendação para estudos futuros, propõe-se que o método de análise de textos culturais seja utilizado para análise de outros grupos socialmente excluídos. Sugere-se também o estudo da percepção dos usuários de drogas ou de seus familiares ao serem expostos aos estereótipos disseminados nas mídias.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Drogas nas escolas**: versão resumida. Brasília, DF: Unesco: Rede Pitágoras, 2005.

ALYRIO, R. D. Métodos e técnicas de pesquisa em administração. Volume único. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, vol. 7 n. 19 p. 49-65 São Paulo, 2010.

BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro; VASCONCELLOS, Mauricio Teixeira Leite de; DE BONI, Raquel Brandini; REIS, Neilane Bertoni dos; COUTINHO, Carolina Fausto de Souza (Org.). III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p.

BAUER, M. W.; GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um Manual Prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 516 p.

BEATO FILHO, Cláudio C.. Políticas públicas de segurança e a questão policial. **São Paulo Perspec.**, São Paulo , v. 13, n. 4, p. 13-27, Dec. 1999 .

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos; SILVA, Carlos Eduardo Menezes da; SOARES, Fernando Ramalho Gameleira e SILVA, José Alexandre Menezes da. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 25, supl. 1, p. 2411-2421, Junho 2020.

BOITEUX, Luciana. BRASIL: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE UMA POLÍTICA DE DROGAS REPRESSIVA: Como políticas alternativas nacionais reforça a necessidade de mudanças no âmbito global. **Revista Sur**, v. 12, n. 21, 2015.

BUCCI, M. P. **Direito administrativo e políticas públicas**. São Paulo; Saraiva, 2002. p.241.

BRASIL. Decreto Nº 9.761, de 11 de abril de 2019. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 abr. 2019. Seção 1, p. 7.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul. 2019. Seção 1.

BRASIL. Lei nº 10.702, de 14 de julho de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 jul. 2003. Seção 1, p.1.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 11.343, de 23 de agosto de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 ago. 2006. Seção 1, p.2.

BRASIL. Lei nº 13.106, de 17 de março de 2015. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 mar. 2015. Seção 1, p.1.

BRASIL. Lei nº 13.840, de 05 de junho de 2019. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 jun. 2019. Seção 1, p.2.

BRASIL. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen Atualização – Junho de 2017**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2019.

CAMPOS, Marcelo. ENTRE DOENTES E BANDIDOS: A tramitação da lei de drogas (nº 11.343/2006) no Congresso Nacional. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, v. 2, n. 2, p. 156-173, 2015.

CARVALHO JÚNIOR, E. F.; Direitos Humanos, Cidadania e as Relações de Consumo no Discurso Midiático. **COMUNICOLOGIA. BRASÍLIA**, v. 9, p.193, 2016.

CAVALCANTE, R.; CALIXTO, P. & PINHEIRO, M., 2014. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade**, 24(1), pp.13-18.

DA SILVA, Gabriela Almeida Pinto. **"Drogas são um assunto tabu"** : a perspectiva dos jovens relativamente à educação e intervenção no uso de substâncias psicoativas antes da idade adulta. Porto, 2020. Dissertação (Mestrado Integrado de Psicologia) - Universidade do Porto, Porto, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/129716>. Acesso em: 7 mai. 2021.

FARIA, M. D.; CASOTTI, L. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras. **ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE (ONLINE)**, v. 21, p. 387, 2014.

FERREIRA, Tereza Maria da Silva. Saberes e discursos culturais sobre o uso de drogas. 2018. 137f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2018.

FIORE, Maurício. O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 92, p. 9-21, Mar. 2012.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, v. 12, n. 28, p. 18-29, 13 abr. 2008.

FREIRE FILHO, J. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **ECO-PÓS**, v. 7, n. 2, p. 45-71, 2004.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Goidanich, Maria Elisabeth. Mídia, Cidadania e Consumo. *In*: Belloni, Maria Luiza. **A Formação na Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.p.73- 94.

HEREDIA RUIZ, V. Revolución Netflix: desafíos para la industria audiovisual. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 135, p. 275 - 295, 2017.

KARAM, Maria Lúcia. Legislação Brasileira sobre Drogas: História Recente – A Criminalização da Diferença. *In*: ACSELRAD, Gilberta (Org.). **Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001, 454 pp.

KOZINETS, R. Utopian enterprise: articulating the meanings of Star Trek's culture of consumption. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 28, n. 1, p. 67-88, 2001.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dario. Vídeo sob demanda: uma nova plataforma televisiva. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 25, 2016. Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2016.

MCCRACKEN, G. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 47, n. 1, p. 99–115, 2007.

MEDEIROS, K. T. **Modelo explicativo da exclusão social de usuárias de drogas com base no preconceito e nos estereótipos de gênero**. Tese (Pós-Graduação em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, p. 261. 2018.

MONTEIRO, M. L.; AZAMBUJA, P. K. . Análise cultural de produtos audiovisuais: relato de construção de protocolo teórico-metodológico. **COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO (ONLINE)** , v. 19, p. 49, 2018.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, D. C. DE. Para Pensar O Espaço Do Consumo. **Revista Emancipação**, v. 13, n. 3, p. 159–162, 2013.

PEREIRA, Marina Carrijo Kotnick da Rocha; FELIPPE, Andreia Monteiro. INTERNAÇÃO INVOLUNTÁRIA: DISCUSSÕES SOBRE OS IMPACTOS DA LEI 13.840/2019 NO TRATAMENTO DE USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 394.

PESSOTTO, Ana Heloiza Vita; CARVALHO, Juliano Maurício de. **Audiovisual na pandemia: desafios, estratégias e criatividade**. Gradus Editora, 2020.

PROCÓPIO FILHO, Argemiro; VAZ, Alcides Costa. O Brasil no contexto do narcotráfico internacional. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília , v. 40, n. 1, p. 75-122, jun. 1997.

PORTES, Cláudia R. P; GONÇALVES, Nádia Gaiofatto. **Adolescência inventada: A mídia como representação.** São Mateus do Sul, PR, 2008.

RANALI NETO, Fidelis. **O estigma do uso de drogas em uma instituição pública.** 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Curso de Saúde Coletiva: Políticas e Gestão em Saúde na Área de Política, Gestão e Planejamento, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

RODRIGUES, T. K. A.; CASOTTI, L. M. Significados do automóvel na música: Espaço de diversão componente identitário e hierarquia de gênero. **Revista de Administração da Unimep.** v. 15, n. 2. São Paulo. 2017.

RONZANI, Telmo Mota; FURTADO, Erikson Felipe. Estigma social sobre o uso de álcool. **J. bras. psiquiatr.** Rio de Janeiro , v. 59, n. 4, p. 326-332, 2010.

SANTOS, Boaventura. A construção cultural da igualdade e da diferença. In: SANTOS, B. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política.* São Paulo: Cortez Editora, 2006. p. 279-316. V. 4.

SANTOS, Marcelo Bidoia dos; PAULA, Eder Aparecido de. Do outro lado do front:: guerra às drogas e políticas públicas no Brasil à luz das experiências regulatórias internacionais. **Rebela: Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos,** Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 89-116, jan/abr. 2019

SEITER, Ellen. Stereotypes and the media: a re-evaluation. **Journal of Communication**, vol. 36, n. 2, p. 14-26, 1986.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. ANÁLISE DE CONTEÚDO: EXEMPLO DE APLICAÇÃO DA TÉCNICA PARA ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS. **Qualitas Revista Eletrônica**, [S.l.], v. 16, n. 1, may 2015. ISSN 1677-4280. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>>. Acesso em: 19 mar. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v16i1.2113>.

SILVA, Luiza Lopes da. A questão das drogas nas relações internacionais: uma perspectiva brasileira, f. 204. 2012. 407 p.

SILVA, Érika Barbosa de Oliveira; PEREIRA, Adriana Lenho de Figueiredo; PENNA, Lúcia Helena Garcia. Estereótipos de gênero no cuidado psicossocial das usuárias de cocaína e crack. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, e00110317, 2018.

TEMER, A. C. R. P; TONDATO, M. P. Mídia e cidadania: uma relação na perspectiva histórica. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 34, n. 1, jan./jun. 2009.

VERGARA, S. **Métodos de pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

XAVIER, Rosane Terezinha; LIMBERGER, Jéssica; MONTEIRO, Janine Kieling; ANDRETTA, Ilana. Políticas públicas de atenção aos usuários de drogas no contexto brasileiro: revisão narrativa de literatura. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei , v. 13, n. 1, p. 1-12, abr. 2018 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 maio 2021.

ZANOTTO, Daniele Farina; ASSIS, Fátima Büchele. Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira: análise de um jornal e duas revistas de edição nacional. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 771-792, jul. 2017. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000300771&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 mar. 2021.
<https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300020>.

ANEXO I FORMULÁRIO SELEÇÃO DE SUJEITOS

10/05/2021

Pesquisa sobre séries e representação dos usuários de drogas

Pesquisa sobre séries e representação dos usuários de drogas

Olá, pessoal! Sou Laís Corêa, estudante de administração pública na UNIRIO e fiz esse formulário para coletar dados para meu TCC. Agradeço se puderem me ajudar respondendo as perguntas sobre a representação de usuários de drogas nas séries disponíveis nas plataformas de streaming. Nenhuma informação será divulgada fora da pesquisa em questão.

***Obrigatório**

Pesquisa sobre séries e representação dos usuários de drogas

1. Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 18
- Entre 18 e 25
- Entre 25 e 30
- Entre 30 e 40
- Mais de 40

2. Com que frequência você assiste séries em plataformas de streaming? *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Frequentemente
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

10/05/2021

Pesquisa sobre séries e representação dos usuários de drogas

3. Qual(is) série(s) você acredita ser(em) relevante(s) para representar jovens em ambiente escolar/universitário? *

4. Qual(is) série(s) você acredita ser(em) relevante(s) para representar usuários de drogas ilícitas? *

5. Qual(is) das séries abaixo você já assistiu? *

Marque todas que se aplicam.

- Elite
- Euphoria
- Atypical
- Merli
- Sintonia
- Glee
- Sex Education
- Riverdale
- 13 Reasons Why
- Como vender drogas online (rápido)
- Skam
- Cara Gente Branca

Outro: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários